



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

MARCOLINO E AS SOMBRAS DO ANALFABETISMO: UM ESTUDO A PARTIR DA OBRA DE “OS ANALPHABETOS DE JOÃO GUMES.

Carla Giovana Souza Alves ¹

Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro²

Valquíria Dias de Almeida ³

Resumo: Esta pesquisa propõe uma análise do analfabetismo através da perspectiva do personagem Marcolino, na obra “Os Analfabetos” do escritor e professor caetiteense João Gumes. Partimos da premissa de que a alfabetização é um direito fundamental de todos os cidadãos e um ato político, nosso estudo se concentra em investigar como essa problemática é abordada na narrativa, bem como destacar a importância da alfabetização e do letramento na formação do sujeito. Através dessa análise, busca-se compreender as nuances do analfabetismo e suas implicações sociais, culturais e políticas, fazendo uma conexão com a ideia de alfabetização que Gumes defendia. Com este estudo, objetivamos também popularizar o autor João Gumes e sua obra, que, mesmo pertencente a um século anterior, discorre sobre entraves que ainda assolam a vida dos brasileiros, em especial o sertanejo. Deste modo, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo e de abordagem descritiva, obtendo informações por meio da leitura de livros, artigos e periódicos, que embasaram nossos argumentos.

Palavras-chave: Analfabetismo; João Gumes; Os analfabetos; Letramento.

Abstract: This research proposes an analysis of illiteracy through the perspective of the character Marcolino, in the work “Os Analfabetos” of the writer and teacher from Caetité, João Gumes. We start from the premise that literacy is a fundamental right of all citizens and a political act; our study focuses

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI -5º semestre. E-mail: alvesbkcarla@gmail.com

² Graduanda em Letras Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI -5º semestre. E-mail: mbel3971@gmail.com

³ Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. Graduada em Artes Visuais – Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES. Mestra em Educação – UESB. Doutoranda em Educação – UESB; Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI. E-mail: vda.dias1506@gmail.com

on investigating how this issue is addressed in the narrative, as well as highlighting the importance of literacy in shaping individuals. Through this analysis, we seek to understand the nuances of illiteracy and its social, cultural, and political implications, making a connection with the idea of literacy advocated by Gumes. With this study, we also aim to popularize the author João Gumes and his work, which, even belonging to a previous century, discusses obstacles that still plague the lives of Brazilians, especially those in rural areas. Thus, we conducted a qualitative and descriptive research, obtaining information through the reading of books, articles, and periodicals, which supported our arguments.

Keywords: Illiteracy; João Gumes; Os Analfabetos; Literacy.

Introdução

No Brasil, há um entrave educacional que perdura há décadas sendo negligenciado, e que vem se tornando uma dízima periódica para o país. Este problema social que se alastra pelo ensino brasileiro, é o analfabetismo, condição da pessoa que não sabe ler e nem escrever, de maneira que fique impedida de desenvolver ou participar de atividades que façam uso dessas habilidades. Em nossa sociedade, o analfabetismo já se tornou um problema estrutural devido às medidas paliativas que são usadas em seu combate e que falham em verdadeiramente mudar a situação, o que resultaria em uma possível erradicação. Dessa forma, as necessidades sociais evoluem e as maneiras nas quais o analfabetismo se apresenta evolui junto.

Mediante esta problemática, o presente estudo busca realizar uma análise acerca do analfabetismo, utilizando-se do personagem Marcolino, da obra “Os Analfabetos” do escritor e professor caetiteense João Gumes. Assim, partimos da perspectiva da alfabetização como um direito de todo e qualquer cidadão, além de ser um ato político, para a análise de nossos objetos de estudo.

Nossa motivação acerca desta pesquisa, ocorreu em relação a carência de artigos e livros que tratassem a respeito desta obra e do seu autor, bem como a percepção da problemática do analfabetismo enraizado em nosso país. Apesar de João Gumes não ser reconhecido e louvado nacionalmente, em sua região o autor trouxe inúmeras contribuições em sua literatura e em seu jornal, e acreditava ferrenhamente na educação como uma arma de defesa para lutar contra os opressores.

Metodologia

A metodologia é um ponto crucial para toda e qualquer pesquisa, pois, é a partir dela que temos as possibilidades necessárias para traçarmos o caminho que vise ir ao encontro do objeto de estudo, e que possa permear suas singularidades. Deste modo, optamos por percorrer o caminho da modalidade qualitativa e abordagem descritiva, para o desenvolvimento e construção desta pesquisa. Como cunho norteador central partiremos da análise da obra “Os Analfabetos”, de João Gumes, especificamente o personagem Marcolino. Procuramos, através deste caminho, construir uma abordagem que evidencie a margem apresentada por João Gumes, através das vivências do personagem Marcolino, buscando ampliar sua projeção e explicitar sua construção, acerca de seu universo dentro da obra e para além dela, como subsídio teórico, utilizamos Foucault e Ronaldo Silva Sobrinho.

“Os Analfabetos”: Projeções do Analfabetismo em Marcolino

João Antônio dos Santos Gumes, jornalista, escritor e pesquisador, nasceu no ano de 1858, na cidade de Caetité, no estado da Bahia e desde o seu nascimento jamais se ausentou dela. Através de seus romances é possível perceber o entusiasmo que Gumes possuía com relação à educação, o crédito que depositava nela como instrumento de transformação e progresso. “Os Analfabetos”, obra publicada no ano de 1928, traz em seu enredo a história de uma família sertaneja residente em uma localidade chamada Empedrado, zona rural do município de Caetité. O patriarca da família é Marcolino, um homem rígido e completamente avesso à leitura e à escrita. Marcolino teve uma criação hostil, onde o trabalho no campo era a única coisa na vida que era de fato importante; cresceu acreditando que ler e escrever eram ações atreladas a pessoas de caráter ruim e que ser alfabetizado não traria nada de proveitoso para si.

Zézinho, filho mais velho de Marcolino, era responsável por ir à feira da cidade para realizar as vendas dos produtos oriundos da lavoura da família e foi em um desses costumeiros dias de trabalho que o garoto encontrou o pedaço de papel que acendeu dentro de si o desejo de decifrar as linhas ali contidas, de conhecer as letras que seu pai tanto abominava. Ciente da severa punição que receberia caso o patriarca viesse a descobrir, decide aprender em segredo com a ajuda de um rapaz que conheceu na feira de Caetité, e

entregava presentes ao novo amigo em troca de curtas aulas. Entretanto, Zézinho fracassa em sua missão sigilosa, é descoberto pelo lavrador e então decide fugir de casa em direção a São Paulo, onde acreditava que teria liberdade e condições de prosseguir seus estudos longe das reprimendas de seu pai. Não guardava rancor com relação a violência que sofreu, pelo contrário, tomou para si a missão de ajudar sua família mesmo estando distante.

E' preciso, como lhe dizia a voz da consciência; teu pae nunca abrirá mão das suas erroneas idéas se por elle não fizeres esse doloroso sacrifício. Por elle, sim: porque logo que tu alcançares a condição que te está talhada fatalmente pela Providencia, tu serás o arrimo d'essa atrasada colônia que foi confiada á tua direção e guia. (Gumes, 2014, p.64, grifo do autor).

Antes de partir, o menino deixou para os seus pais um bilhete onde informava sobre sua partida para São Paulo com a intenção de ganhar dinheiro, porém retornaria para ajudar ajudá-los; pedia a eles a bênção e que lhe perdoassem por ter partido em segredo. Marcolino ao encontrar o pequeno pedaço de papel dirige-se à casa de André - seu vizinho e único amigo- para que ele o ajudasse a encontrar alguém da cidade que fosse capaz de decifrar os rabiscos do filho. André não tinha conhecimento das letras, pelo menos era o que revelara a Marcolino, é nesse exato momento da trama em que descobrimos que o confidente do sertanejo é, na verdade, alfabetizado.

André, possuía uma insatisfação reprimida no que concernia à Marcolino e viu no bilhete uma chance de enganá-lo. Mentia e ocultava de Marcolino tudo o que chegava a seu conhecimento sobre o menino, principalmente as quantias em dinheiro que Zézinho enviava com o intuito de ajudar sua família. O sujeito agora era também responsável por ir à feira no lugar de Zézinho e mantinha para si a maior parte dos lucros das vendas, levando Marcolino e sua família à extrema miséria. Todas essas ações só foram possíveis de serem executadas devido ao analfabetismo do camponês aliado à sua falta de letramento. Juntos, esses fatores contribuíram para a passividade de Marcolino em tomar como verdadeiras todas as atitudes de seu amigo, afinal, sem essa capacidade de ler o mundo seria difícil detectar qualquer vestígio de desonestidade ou mentira.

Marcolino costumava ir à feira com extremo constrangimento, pois desde adolescente era motivo de gargalhadas entre a população urbana pelo seu modo de se vestir, agir e, principalmente, conversar. Procurava falar cada vez menos e evitar a sociedade sempre que podia e uma vez que seu primogênito atingira a adolescência, designou-o para executar essa tarefa em seu lugar. O pensamento e o comportamento do lavrador são resultados de uma criação familiar que não sabia o que de fato era a alfabetização, não conhecia a importância da educação no meio social, portanto, não havia possibilidade de perceber que o preconceito sofrido por ele estava, infelizmente, atrelado ao analfabetismo, ademais, estavam muito ocupados buscando prover alimento para o lar.

Segundo Santos (2023), “toda a carga de preconceitos acerca dos sujeitos analfabetos, faz parte do projeto político das elites econômicas, que visam submeter as massas por intermédio do controle da qualidade e do acesso a uma educação crítica”, uma vez analfabetos e iletrados, estarão passíveis a aceitarem qualquer proposta oferecida, não terão noção de seus direitos, nem saberão do seu próprio poder de executar cobranças e lutar por igualdade. Marcolino atendeu ao desejo dos mais poderosos ao se isolar do mundo por vergonha de si mesmo, visto que acatou para si o estigma de selvageria.

Seria injusto atribuir a Marcolino a total responsabilidade pelo seu analfabetismo, visto que no contexto em que vivia não podemos afirmar que, mesmo se ele não tivesse nutrido ódio pelas letras durante toda a sua vida, teria a oportunidade de aprender. Além disso, como já argumentamos anteriormente, não basta que o indivíduo saiba ler e escrever, é preciso saber aplicar essas habilidades. Para isso, é importante que o modelo de educação tenha o interesse de formar cidadãos críticos, atuantes e letrados, como desejava João Gumes antes mesmo de conhecer o termo letramento.

Nosso anti-herói entendeu, da maneira mais dura possível, que era preciso conhecer a arma do inimigo para que fosse capaz de combatê-lo. Buscou instruir-se nas letras para que fosse hábil para combater os perversos, os poderosos da indústria e aqueles que agem de má-fé. Ele não ficaria mais escondido, pois como afirmou Foucault (2022c, p. 360), “Onde há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência”.

Somente na família de Marcolino foram quatro gerações passadas para que conhecessem a relevância da educação, mas há milhões de famílias que foram criadas sob esse mesmo desconhecimento. Isso acontece porque, afastados da comunidade urbana, acreditam que sua função no mundo é somente cuidar da lavoura, dos animais, dar seu sangue para não padecer de fome. Não se veem no que é ensinado nas escolas e não sabem o poder que tem nas mãos como cidadãos; não sabem que eles também atuam como uma peça fundamental na sociedade e que, portanto, devem reivindicar seus direitos.

Considerações finais

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, para além da análise do analfabetismo, fomenta possibilidades de novos estudos acerca da obra “Os Analfabetos” e convida a conhecer o escritor baiano João Gumes. Rico em temáticas, o livro pode favorecer pesquisas sobre diversos vieses e temas.

Marcolino não é um simples personagem oriundo da imaginação de João Gumes, ele está por toda parte: são idosos que acreditam que é tarde demais para aprender, são jovens e adultos que se contentam em ser apenas um instrumento de produzir para o mercado, são vozes silenciadas pelo sentimento de inferioridade. Externamos aqui o desejo por uma educação que tenha seu interesse voltado para o desenvolvimento de um sujeito atuante, crítico e consciente, uma educação que ultrapasse o ambiente formal da escola, que desenvolva o letramento e que o aprendizado ecoe também fora dela.

Referências

DOS SANTOS, Ronaldo Silva; SOBRINHO, Tenório Batista Lima. **Escola, educação básica e analfabetismo estrutural no Brasil**: a negação da escola aos trabalhadores. Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos, v. 6, n. 11, p. 171-187, 2023.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022c. p. 344-362.

Gumes, João. **Os Analfabetos**. 2. ed. Salvador: EDUNEB, 2014